O RETORNO DOS FALCÕES À CASA BRANCA

*Por Angélica Bouchard**

Imagem gerada por inteligência artificial.

Sem dúvida a situação geoestratégica de 2024 é bem diferente daquela de 2016, mas será que os falcões do novo governo Trump mudarão de tom?

É dinamite: Donald Trump, eleito 47º presidente dos Estados Unidos, está acelerando o ritmo e nomeando os membros de seu gabinete a uma velocidade vertiginosa, em comparação com seu mandato anterior, em 2016.

Foi escolhido um gabinete mais "sintonizado" com o seu programa político. Trump anunciou seis nomeações na semana seguinte à vitória nas eleições presidenciais, sendo uma das mais significativas a do deputado Mike Waltz, republicano da Flórida, para servir como conselheiro de segurança nacional.

O que há de novo nesta segunda administração Trump? uma mudança total de paradigma! Ao contrário de 2016, o presidente eleito não procura integrar numerosos "forasteiros" que gravitam em torno de sua órbita política. Agora, conta apenas a lealdade dos seus seguidores mais leais!

Trump recorreu aos seus aliados, legalistas e outros apoiadores do movimento "MAGA", os primeiros apoiadores do seu programa "America First". Ao contrário do primeiro mandato, Trump não procura perfis "Establishment-Washington".

Especialmente quando os envolvidos viram a casaca…

TRUMP EXCLUIU DOIS PILARES REPUBLICANOS: DECODIFICAÇÃO COM ROGER STONE

O presidente eleito anunciou no sábado, 9 de novembro de 2024, em uma publicação na rede *Truth Social*, que não convidaria dois membros da sua antiga administração para "*regressar à Casa Branca*".

A ex-embaixadora dos EUA, Nikki Haley, e o ex-secretário de Estado e diretor da CIA, Mike Pompeo, foram mencionados explicitamente no *post*. Contudo, estes dois perfis foram considerados "*sérios*" para o novo gabinete de Trump. Apesar da dureza da declaração, Trump acrescentou que gostou de trabalhar com eles.

Mike Pompeo: expurgo político ou remodelação estratégica?

Mike Pompeo não descartou servir uma segunda vez no governo do presidente Trump se ele vencesse. No programa de televisão *Your World with Neil Cavuto*, ele disse:

"*Não costumo comentar sobre empregos que não me foram oferecidos. Se eu tiver a chance de servir e achar que posso fazer a diferença, tenho certeza de que direi sim a esta oportunidade de tentar servir o povo americano*" (*Pompeo doesn't rule out serving in second Trump admin ; doesn't comment on jobs "I've not been offered"*, por Louis Casiano, *Fox News*, 8 de março de 2024).

Os dois protagonistas conhecem perfeitamente o "Patrão". Pompeo, por exemplo, observou que Trump exige a mais estrita lealdade daqueles que trabalham com ele. "*Estou confiante de que o presidente Trump procurará pessoas que cumpram fielmente o que ele lhes pede. Acho que, como presidente, você deve sempre esperar isso*", acrescentou.

Alguns dos seus apoiadores mais leais, quando chegou ao poder em 2016, viraram-se contra ele. O ex-vice-presidente Mike Pence atraiu a ira de Trump quando se recusou a cumprir ordens para rejeitar a certificação de certos votos eleitorais, durante uma sessão conjunta do Congresso, realizada em 6 de janeiro de 2021. Pence também liderou uma campanha malsucedida contra Trump no ano passado para ganhar a indicação republicana para presidente. O mesmo fez o antigo conselheiro de segurança nacional John Bolton, que chamou Trump de "*presidente inadequado*" em suas memórias.

O antigo consultor político e estrategista republicano Roger Stone, que trabalhou em quase todas as principais campanhas dos candidatos presidenciais republicanos desde a década de 1970 (incluindo Nixon, Reagan, G.W. Bush), deu um aviso severo ao presidente eleito: "*não confie em Pompeo.*"

Agora que "*Trump está de volta ao topo, fica muito mais difícil separar o joio do trigo*", escreveu Stone em seu site (*Why President Trump Cannot Trust Mike Pompeo*). "*Vários neoconservadores posicionaram-se para papéis altamente influentes na segunda administração Trump, e esta quinta coluna sinistra tem o potencial de ser mais prejudicial para a agenda America First de Trump do que suas opiniões de esquerda dentro do Partido Democrata.*"

Citando o exemplo de Mike Pompeo, Stone continua: "*Depois de permanecer relativamente em silêncio durante toda a temporada presidencial, o ex-secretário de Estado do presidente Trump, Pompeo, apareceu na campanha para defender seu ex-chefe nos últimos dias antes da vitória de Trump (...) Mas antes que ficasse claro que Trump voltaria a ser proeminente e conquistaria mais uma vez a presidência, Pompeo distanciou-se e flertou com uma possível candidatura presidencial. Ele criticou as políticas fiscais de Trump e disse que o Partido Republicano deve rejeitar 'líderes celebridades com egos frágeis', em um ataque velado a Trump.*"

Pompeo, um "traidor"? Realmente? A análise do homem que sussurra ao ouvido de Trump é clara: se Pompeo for colocado na próxima administração Trump, será o advento da hegemonia do Estado profundo em detrimento da implementação da agenda America First.

Trump teria assinalado o enterro político de Pompeo quando este apoiou publicamente a implacabilidade judicial, para com ele, do Procurador Especial do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, Jack Smith, que também terá que renunciar antes da tomada de posse de Trump.

Stone continua: "*Uma análise mais atenta do histórico de Pompeo como secretário de Estado mostra que ele minou insidiosamente a agenda America First. Pompeo colocou seus peões, os partidários de "Never Trump" que ocuparam cargos de liderança na sua administração durante seu primeiro mandato, incluindo Mary Kissel no Departamento de Estado, James Jeffrey como enviado de guerra na Síria e o infame neoconservador Elliot Abrams, como enviado à Venezuela. Pompeo é um agente de inteligência descaradamente desonesto.*"

Stone também aponta para a acusação de Pompeo contra o fundador do *Wikileaks*, Julian Assange, que foi acusado de 18 crimes sob a administração Trump, principalmente ao abrigo da Lei de Espionagem. Pompeo, segundo este último, "*gostaria de ir ainda mais longe, desenvolvendo planos para a CIA sequestrar ilegalmente, e até mesmo assassinar, Julian Assange, a fim de impedi-lo de divulgar mais segredos governamentais que revelem corrupção maciça*".

Nikki Haley: ex-queridinha da direita americana abandonada em campo aberto

Nikki Haley, ex-governadora da Carolina do Sul e embaixadora dos Estados Unidos, apresentou-se como alternativa a Donald Trump para assumir a liderança do Partido Republicano. Em uma resposta igualmente pública a Donald Trump, Haley escreveu que lhe desejava "*muito sucesso*".

Stone também oferece uma análise contundente de Nikki Haley: "*Um camaleão político que evoluiu com o tempo de formas incrivelmente egoístas, Haley primeiro aproveitou o apoio da ex-candidata republicana à vice-presidência Sarah Palin para chegar ao poder, ganhando o cargo de governador da Carolina do Sul. Depois de obter o cargo, Haley imediatamente voltou sua atenção para Washington, e abandonou seus eleitores. Como resultado, ela foi esmagada por Trump em seu estado natal por 20 pontos nas primárias republicanas deste ano.*"

Haley é também uma neoconservadora, cujas opiniões de política externa estão mais próximas daquelas da velha guarda dos falcões, como John McCain, do que das de Donald Trump. Em 2017, ela disse que a administração Trump não viu "*nenhuma paz ou estabilidade na Síria com o presidente sírio Bashar al-Assad permanecendo no poder*". Ela até visou a Rússia, que estava "*encobrindo o regime*", afirmando falsamente que "*esta era a posição da administração Trump*" (*Amb. Nikki Haley: We don't see peace in Syria with Assad*, por Kailani Koenig, *NBC News*, 9 de abril de 2017).

Sua posição em relação à Ucrânia é ainda mais extrema do que a da administração Biden, sendo favorável à admissão da Ucrânia na OTAN, o que o que forçaria os Estados Unidos a entrarem em guerra. O governador da Flórida, Ron DeSantis, resumiu isso de forma admirável em um comunicado à imprensa datado de 10 de janeiro de 2024: "*A posição de Haley sobre a Ucrânia é quase idêntica à de Joe Biden: dar ao governo ucraniano tudo o que ele pede, sem objetivos ou metas claras. Haley, porém, deu um passo adiante com uma proposta radical que vai longe demais, mesmo para Biden. No mês passado, ela prometeu convidar a Ucrânia a aderir à OTAN, o que criaria uma obrigação de defesa coletiva para os Estados Unidos como membros da OTAN. O plano mal pensado de Haley significaria o envio de tropas dos EUA para a Ucrânia para combater a Rússia.*" (*DeSantis Campaign Press Release – Nikki Haley Wants Ukraine in NATO – Which Would Obligate the United States to Go to War*), *The American Presidency Project*, 10 de janeiro de 2024.

No *front* doméstico, como governadora da Carolina do Sul, Haley colocou lenha na fogueira ao ordenar a remoção da bandeira confederada do Capitólio do Estado da Carolina do Sul em 2015, e mostrou-se extremamente crítica ao presidente Trump, até os últimos dias de sua campanha: "*O problema hoje é que ele não é mais a mesma pessoa de 2016. Ele está desequilibrado, está mais diminuído do que era, assim como Joe Biden. Devemos ver as coisas como elas são. É um fato: ele agora disse coisas que não fazem sentido*", disse ela em fevereiro passado (*Nikki Haley: 'Diminished,' 'unhinged' Trump has changed since she backed him*, por Ben Kamisar, *NBC News*, 14 de fevereiro de 2024).

Há apenas uma semana, ela reiterou: "*Esta história de* bromance[1] *e masculinidade é tão atrevida que deixará as mulheres desconfortáveis.*"

Em relação ao comício no Madison Square Garden, Haley apontou anúncios e comentários republicanos que ela chamou de destrutivos para atrair mulheres para o partido no dia da eleição: "*Vocês se afiliaram a comitês de ação política que veiculam comerciais chamando Kamala de 'c word'*[2] *ou palestrantes no Madison Square Garden que se referem a ela e seus cafetões. Esta não é a maneira de conquistar as mulheres.*" "Essa não é a maneira de conquistar as pessoas que estão preocupadas com o estilo de Trump." (*Nikki Haley pans Trump world for "bromance and masculinity stuff"*, por Natasha Korecki, *NBC News*, 29 de outubro de 2024).

[1] *Expressão em língua inglesa resultante da contração das palavras* brother *e* romance *como referência à "amor de irmãos"; designa o relacionamento íntimo, não-sexual, entre dois (ou mais) homens.*

[2] *Termo pejorativo para referir-se a uma mulher, abreviação da palavra inglesa "cunt" ("boceta").*

A política externa do segundo mandato do presidente vai se centrar na "força e dissuasão"?

Uma segunda presidência sob a égide de Donald Trump dá aos seus apoiadores a esperança de uma continuidade da política internacional do seu primeiro mandato, enquanto seus detratores apontam para excessos isolacionistas, em um momento delicado do atual contexto geopolítico.

Muitos analistas falaram nas televisões para afirmar que o segundo mandato de Trump seria um "*retorno aos fundamentos da paz através da força e da restauração da dissuasão*".

Se seguirmos seu programa de campanha, de fato, a China é considerada a principal ameaça à segurança nacional americana. Investir nas forças armadas, modernizá-las, generalizar o uso da inteligência artificial e avançar na conquista do espaço, estas são as marcas da predominância estadunidense.

Trump insistiu nas linhas do seu programa America First.

Para alguns observadores políticos, isto teria prejudicado de forma duradoura as relações com os seus principais aliados, distanciando os Estados Unidos do multilateralismo. Isto foi amplificado quando Trump reafirmou sua posição intransigente sobre as contribuições dos aliados da OTAN para as despesas de defesa. Sua atitude de desafio teria prejudicado as relações entre os EUA e a sua rede vital de aliados.

A realidade é bem diferente. Trump é um pragmático, certamente imprevisível, mas com uma formidável capacidade de adaptação aos cenários mais perigosos. Sua primeira presidência foi desafiada pelo Irã. Trump demonstrou a todos os seus inimigos internos e externos que não era isolacionista.

"*Ele é acima de tudo um conservador, segue os princípios conservadores básicos da paz através da força. Ele está preparado para dissuadir, o que significa que tem a capacidade, mas também a vontade, de usar a força quando necessário*", afirma Richard Goldberg, conselheiro sênior da Fundação para a Defesa das Democracias e antigo chefe do NSC da administração Trump (*Trump's second term foreign policy likely to focus on 'strength' and 'deterrence': expert*, por Peter Aiken, *Fox News*, 21 de julho de 2024).

As primeiras escolhas da próxima administração do presidente eleito Donald Trump reforçam a influência de uma ala decididamente tradicionalista do Partido Republicano.

Primeira conclusão: com base no seu sucesso impressionante (seja no voto popular ou nos sete estados-chave), Trump reuniu à sua volta uma equipe MAGA unida, que lhe permitirá obter o que deseja de Washington. Seu mandato é mais forte do que o de 2016. Em vez de depender de um gabinete composto por rivais ideológicos, apelou a apoiadores leais alinhados com seu programa America First.

Segunda conclusão: suas nomeações para o gabinete provam que Trump não segue, de forma alguma, uma linha isolacionista. Os defensores da Ucrânia estão

aliviados. Kiev olha para estas nomeações com um certo "apaziguamento" porque sabe que há espaço para compromisso. Depois de uma administração Biden que tinha medo demais de uma escalada e que preferia moderar o envolvimento americano na guerra com a Rússia, altos funcionários ucranianos esperam uma mudança de ritmo com este novo gabinete. O mesmo vale para Israel. Com efeito, com a deputada de Nova Iorque, Elise Stefanik, nomeada para o cargo de embaixadora nas Nações Unidas, Trump afirma a predominância de uma linha resolutamente pró-Israel, com um trio de choque.

Elise Stefanik: a "clareza moral" que a deputada traz para sua nova função como embaixadora dos Estados Unidos nas Nações Unidas

Esta foi a declaração do embaixador de Israel na ONU, Danny Donan, em 10 de novembro, que disse esperar "*trabalhar estreitamente com (ela) para lutar contra as mentiras maliciosas da ONU apresentadas por nações hostis, permanecendo inabalavelmente comprometido com verdade e justiça*" (*Israeli official praises Stefanik as UN pick, says her 'moral clarity' will combat body's 'hate and lies'*, por Greg Norman e Danielle Wallace, *Fox News*, 11 de novembro de 2024).

Além disso, Trump elogiou em uma declaração anterior ao *New York Post* que "*Elise era uma lutadora incrivelmente forte, durona e inteligente pelo America First*".

Stefanik serviu como presidente da Conferência Republicana da Câmara e é a quarta republicana mais bem classificada na Câmara. Ela foi eleita para seu sexto mandato e ganhou as manchetes nacionais por questionar os presidentes das universidades da Ivy League sobre o aumento do antissemitismo nos campi universitários durante a crise interna que se seguiu aos ataques terroristas de 7 de outubro contra Israel.

O "primeiro Boina Verde" eleito para o Congresso torna-se conselheiro de segurança nacional

Na terça-feira, 11 de novembro, Trump formalizou a nomeação do representante republicano da Flórida, Michael Waltz, como conselheiro de segurança nacional.

"*Mike foi o primeiro Boina Verde eleito para o Congresso. Ele já serviu na Casa Branca e no Pentágono*", disse Trump em um comunicado de imprensa anunciando sua escolha. "*Waltz serviu nas Forças Especiais durante 27 anos, onde foi destacado várias vezes em combate, pelo que recebeu quatro Estrelas de Bronze, incluindo duas por bravura*", continuou o presidente eleito.

Especialista em ameaças externas, Waltz está perfeitamente consciente dos perigos representados pela China, Rússia, Irã e pelo terrorismo internacional. A escolha de Waltz também é motivada pelo fato de ele retomar os fundamentos da doxa trumpista:

"*Mike tem sido um forte apoiador da minha agenda de política externa America First e será um defensor formidável da nossa busca pela paz através da força*", continuou Trump em seu comunicado de imprensa.

Waltz, além de ser o primeiro Boina Verde eleito para a Câmara dos Representantes, atuou como presidente do Subcomitê de Serviços Armados da Câmara e como membro da Comissão de Relações Exteriores e do Comitê Permanente de Inteligência. Ele também trabalhou no Pentágono como conselheiro político quando Donald Rumsfeld e Robert Gates eram chefes de Defesa e foi conselheiro de contraterrorismo do ex-vice-presidente Dick Cheney.

Considerado um dos principais fomentadores da guerra contra a China, apelou ao boicote dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2022 em Pequim pelos Estados Unidos, devido ao seu envolvimento na origem da pandemia global de covid-19 e aos maus tratos à minoria muçulmana uigur.

Depois de criticar duramente a retirada caótica dos Estados Unidos do Afeganistão, apelou à nação para responsabilizar os responsáveis pelas mortes de 13 soldados americanos em Abbey Gate e de "*milhares de americanos e aliados atrás das linhas inimigas*".

De resto, em uma entrevista à *NPR* na semana passada, Waltz disse que a guerra entre a Rússia e a Ucrânia poderia terminar se os Estados Unidos exercessem alguma influência. "*A máquina de guerra russa irá secar muito rapidamente com as sanções econômicas americanas, bem como com a remoção das algemas das armas de longo alcance que fornecemos à Ucrânia. Biden há muito se recusa a permitir que a Ucrânia use armas americanas para atacar profundamente a Rússia*", disse ele.

No mês passado, quando Israel realizou um contra-ataque contra alvos militares iranianos, Waltz lamentou que os militares não tivessem como alvo as instalações petrolíferas e nucleares iranianas: "*Será que Biden e Harris mais uma vez exerceram pressão sobre Israel para que o Estado hebreu faça menos do que deveria ter feito?*" ele perguntou (*Trump's first Cabinet picks decidedly not isolationists: Ukraine, Israel breathe a sigh of relief*, por Morgan Phillips, *Fox News*, 12 de novembro de 2024).

O "Pequeno Marco" tornou-se Grande

O presidente eleito nomeou então o senador Marco Rubio, da Flórida, para o cargo-chave de secretário de Estado dos Estados Unidos. Ele foi um rival de Trump durante a batalha explosiva pela indicação presidencial republicana de 2016, mas ao longo dos anos tornou-se seu aliado mais fiel no Senado.

Rubio, filho de exilados cubanos, foi eleito pela primeira vez para o Senado em 2010, como parte da onda do Tea Party. Torna-se assim o primeiro secretário de Estado latino da história do país.

Ele é conhecido no Capitólio como pertencente aos "falcões", com um desejo feroz de manter alianças americanas no estrangeiro, particularmente com a OTAN.

No entanto, o senador Rubio, que serviu tanto na Comissão de Inteligência do Senado como na Comissão dos Negócios Estrangeiros, assumiu posições semelhantes às de Trump sobre os conflitos internacionais, incluindo a guerra Russo-Ucraniana e sobre a guerra de Israel contra o Hamas. Em abril passado,

Rubio, o senador de 53 anos, votou contra 95 bilhões de dólares em ajuda dos EUA à Ucrânia e instou a "*nação da Europa Oriental a negociar o fim da sua guerra com a Rússia*".

Ele foi um dos 15 republicanos a votar contra um pacote de financiamento adicional, citando "*disposições fronteiriças insuficientes*".

Em contraste, Rubio sempre foi um forte defensor do apoio dos EUA a Taiwan. Quando Trump expressou preocupações e sugeriu que a ilha deveria pagar aos Estados Unidos para fornecerem sua defesa, Rubio previu que "*Trump continuaria a apoiar Taiwan se recuperasse a Casa Branca*".

Tal como Trump e Waltz, Rubio também criticou os aliados da OTAN por não gastarem dinheiro suficiente na sua defesa: "*A Alemanha, a França e o Reino Unido são mais do que capazes de gerir suas relações com o beligerante com armas nucleares no Leste. Mas eles nunca assumirão o controle enquanto puderem contar com a América.*"

No ano passado, Rubio copatrocinou legislação que proibia qualquer presidente de retirar os Estados Unidos da OTAN sem a aprovação do Congresso, medida que foi vista como uma precaução para o caso de Trump ganhar a presidência e concretizar suas frequentes ameaças de abandonar a aliança. Sua escolha provocou uma reação negativa por parte dos apoiadores obstinados de Trump, que o consideravam "*muito agressivo*".

Este novo elenco questiona a direção estratégica em termos de política internacional da segunda presidência de Trump: Será que Donald Trump cumprirá suas promessas em matéria de política externa, particularmente seu desejo declarado de ser "*o presidente da paz*" e de pôr fim às guerras Russo-Ucraniana e no Oriente Médio?

Será que os falcões da nova administração Trump mudarão de tom? O certo é que existe uma nova situação geoestratégica em 2024.

Em comparação com a administração de 2016, os Estados Unidos, "polícia do mundo", também enfrentam restrições de custos e recursos. Suas prioridades estratégicas devem ser revistas, especialmente em um mundo cada vez mais competitivo e com ameaças assimétricas crescentes.

Publicado no Le Diplomate.Media.

***Angélica Bouchard** é graduada em Comunicação e Estratégias Digitais pela La Rochelle Business School e é diplomada pela Escola de Estudos Avançados em Ciências da Informação e Comunicação (CELSA) na Sorbonne Université. Além disso, possui mestrado em pesquisa com especialização em Geopolítica da Mídia. Como jornalista independente, trabalha para vários meios de comunicação, sendo responsável pelas principais entrevistas do Le Dialogue.*